

## Piaget e Freud: facetas psicanalíticas da cognição

SERGIO SKLAR\*

ESTRELLA BOHADANA\*\*

**Resumo:** Apesar de discutida e explorada ao longo do último século, a obra de Piaget continua a ser fonte de inspiração para novos debates teóricos. Um deles se refere às possíveis articulações entre a teoria piagetiana e a psicanálise. Partindo da reflexão elaborada por Piaget em que é vislumbrada uma nova forma de ver o sentido de cognição, este artigo tem como objetivo rever as formulações de Piaget sobre as convergências entre afeto e cognição. A aproximação entre Piaget e Freud é estabelecida, já que na teoria freudiana existe uma dimensão que está além da consciência. Enquanto para Freud o inconsciente é estruturado segundo mudanças afetivas, entre as quais o recalque, para Piaget há uma cognição inconsciente, que não provém unicamente das transformações afetivas.

**Palavras-chave:** Piaget; Freud; inconsciente afetivo; inconsciente cognitivo; recalque cognitivo.

### **Piaget and Freud: psychoanalytical facets of cognition**

**Abstract:** Although discussed and explored throughout the last century, the work of Piaget remains a source of inspiration for new theoretical debates. One of them concerns the possible connections between Piaget's theory and psychoanalysis. Based on the reflection developed by Piaget, in which a new way of understanding the sense of cognition is conceived, this article has the purpose to review the formulations of Piaget on the convergences between affect and cognition. The approach between Piaget and Freud is established, as in Freudian theory there is a dimension which is beyond consciousness. While for Freud the unconscious is structured according to affective changes, including repression, for Piaget there is an unconscious cognition, which does not arise solely from affective transformations.

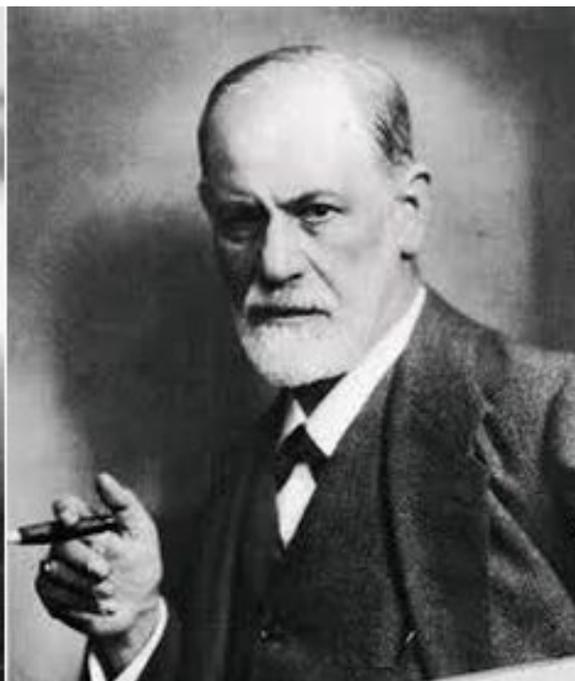
**Key words:** Piaget; Freud; affective unconscious; cognitive unconscious; cognitive repression.



\* **SERGIO SKLAR** é Doutor em Filosofia (USP), Professor-Adjunto do Departamento de Estudos da Subjetividade Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Faculdade de Educação-DESF-UERJ), Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris).



\*\* **ESTRELLA BOHADANA** é Doutora em História dos Sistemas de Pensamento (Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro); Professora-Adjunta na Faculdade de Educação (Departamento de Estudos da Subjetividade e Formação Humana), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-EDU-DESF) e do Mestrado em Educação e Cultura Contemporânea da Universidade Estácio de Sá.



## Introdução

Embora explorada e discutida em profundidade ao longo do século XX, a teoria piagetiana ainda é fonte de enigmas, tornando-se possível nela encontrar formulações que permanecem como pedras brutas à espera de lapidação. Uma delas se refere à aproximação possível de ser efetivada entre Piaget e Freud. Compondo o segundo capítulo do livro *Problemas de psicologia genética*, intitulado “Inconsciente afetivo e inconsciente cognitivo”, Piaget oferece uma instigante reflexão sobre as possíveis articulações de sua teoria com a psicanálise, ao analisar pontes teóricas entre o afeto e a cognição. O objetivo deste artigo é apresentar os passos piagetianos para a elucidação dessa trama conceitual.

O artigo está estruturado em quatro seções. A primeira apresenta uma discussão geral sobre cognição, na qual é demarcado o sentido da cognição no pensamento piagetiano. Ainda nessa seção, discutimos o modo pelo qual a

mente funciona, a interação entre sujeito e objeto na constituição do conhecimento e a gênese mental inconsciente da cognição. A segunda seção discute o conceito de estrutura cognitiva e indica a existência de mecanismos que fazem a mente funcionar inconscientemente, assinalando, assim, a existência de um inconsciente cognitivo. A terceira seção mostra como Piaget se apropria da relação entre inconsciente e recalque na teoria freudiana para formular a noção de recalque cognitivo: um núcleo inconsciente da cognição. Em torno da ideia de recalque cognitivo, revimos a formulação piagetiana de que a criança não pensa antes de agir, estando sujeita ao que Piaget denomina de “esquema de uma ação”. Finalmente, a quarta seção apresenta a relação entre memória, afeto e cognição, ressaltando de que maneira na reconstrução da memória intervêm, necessariamente, processos afetivos de toda natureza. Fecha a seção a relação estabelecida por Piaget entre transformações afetivas e mudanças cognitivas.

### Sobre o conceito de cognição

Em sentido geral, “cognição” é entendida como o ato ou processo de conhecer, que inclui estados mentais e processos como o pensamento, a atenção, o raciocínio, a memória, o juízo, a imaginação, o discurso, a percepção visual e auditiva, a aprendizagem, a consciência e as emoções. Assim, a cognição – *cognitio*, em latim – não se reduz a uma simples aquisição do conhecimento, ela é o processo pelo qual o ser humano, entendido na sua individualidade, interage psicologicamente com os seus semelhantes e com o meio em que vive, sem que haja qualquer perda da sua identidade.

Embora abrangente, essa definição resultaria em algo impreciso aos olhos de Piaget (1975a), uma vez que, para ele, a interação, seja com os semelhantes, seja com o meio, não pode ser condição única para explicar o que a mente conhece. Para Piaget (1975a), além de conhecer por meio de ideias, o que incluiria a relação do homem com o seu semelhante, a mente se sujeita a processos específicos que formam estruturas mentais, isto é, formas mentais que se inter-relacionam no psiquismo como partes dentro de uma totalidade organizada. Essas estruturas não são predeterminadas, nem provêm da experiência que o homem tem com os objetos do mundo que o rodeia.

O processo de conhecimento, segundo Piaget (1975a), envolveria novas e contínuas elaborações, por meio de construções internas, como ele afirma em sua *Epistemologia genética*:

(...) o conhecimento não poderia ser concebido como algo predeterminado nas estruturas internas do indivíduo, pois que estas resultam de uma construção efetiva e contínua, nem nos

caracteres preexistentes do objeto, pois que estes só são conhecidos graças à mediação necessária dessas estruturas; e estas estruturas os enriquecem e enquadram (pelo menos, situando-os no conjunto dos possíveis). Em outras palavras, todo conhecimento comporta um aspecto de elaboração nova, e o grande problema da epistemologia é o de conciliar esta criação de novidade com o duplo fato de que, no terreno formal, elas se acompanham de necessidades tão logo elaboradas e de que, no plano do real, elas permitem (e são mesmo as únicas a permitir) a conquista da objetividade (p. 129).

Quando evoca o conceito de epistemologia, Piaget não o faz ressaltando seu significado para a filosofia, como teoria do conhecimento. Para o investigador, o que fica assinalado não é uma indagação especulativa sobre o conhecer – resumida na pergunta “o que é o conhecimento?” –, mas o fato de que o conhecimento passa por um permanente processo de elaboração, ou gênese mental, mantendo-se aberto ao que é criado e ao novo em termos mentais. Assim, Piaget (apud FURTH, 1974) estabelece uma distinção entre o sentido que ele confere à epistemologia e aquele elaborado pela filosofia, quando diz:

A epistemologia filosófica faz indagações acerca do conhecimento em geral. No entanto, tendo em vista que todo conhecimento está em constante evolução, não se podendo dizer que está fechado em nenhum ramo, pareceu-me mais científico reformular o problema da seguinte forma: ‘Como se produz o conhecimento?’ Esta pergunta implica uma tentativa de explicar o conhecimento por intermédio de sua formação e de seu desenvolvimento (p. 287-288).

Portanto, conforme Piaget, o que está em jogo na produção do conhecimento é o modo pelo qual a mente funciona. Ele alerta, no entanto, para o fato de que nesse processo não devemos considerar a existência de um sujeito que se baste a si mesmo – um sujeito consciente –, nem de um objeto já constituído. O conhecimento resultaria da interação entre o sujeito e o objeto, como afirma o investigador (1975a, p. 132):

(...) Não há, no início, nem sujeito, no sentido epistemológico do termo, nem objetos concebidos como tais, nem, sobretudo, instrumentos invariantes de troca; o problema [...] do conhecimento [...] depende [da] elaboração solidária do sujeito e dos objetos.

O processo de gênese mental explicaria, no caso, o sentido dessa *elaboração solidária*; é, justamente, em torno de uma análise psicogenética que Piaget não reduz o conhecimento a processos psicológicos condicionados unicamente à dimensão da consciência. O conhecimento estaria relacionado, de alguma forma, a uma dimensão cognitiva não-consciente ou inconsciente.

Embora a ideia de um inconsciente cognitivo não se imponha ao longo de sua obra, em uma conferência proferida em sessão plenária da Sociedade Americana de Psicanálise, Piaget (1975b) apresenta os problemas referentes ao inconsciente e à consciência tal como são encontrados no estudo da inteligência, da representação e das funções cognitivas, uma vez que acredita na existência de um inconsciente cognitivo. Ele relaciona essa dimensão inconsciente da cognição com o funcionamento do inconsciente afetivo freudiano. Sem a intenção de criticar ou renovar a teoria freudiana, Piaget visualiza o alcance que pode ter a fusão da psicologia

cognitiva com os conceitos psicanalíticos.

Dessa forma, o investigador define o inconsciente cognitivo como um “conjunto de estruturas e de funcionamentos ignorados pelo indivíduo, exceto em seus resultados” (PIAGET, 1975b, p. 355). Ao defini-lo, realça uma ideia de Binet<sup>1</sup>, segundo a qual o “pensamento é uma atividade inconsciente do espírito” (ibidem). Sob tal inspiração, conclui que, “se o eu está consciente do conteúdo do seu pensamento, ele não sabe nada das razões estruturais e funcionais que o constrangeram a pensar de tal forma, dito de outra [maneira], do mecanismo íntimo que dirige o pensamento” (ibidem).

### **Estrutura cognitiva: o inconsciente cognitivo**

Piaget considera que o comportamento abrange vários níveis de estruturação, chegando mesmo a identificar estruturação com conhecimento. Neste sentido, o conhecimento não implicaria qualquer dimensão reflexiva nem consciente. Esta ideia encontra-se presente quando Piaget elucida o sentido geral das estruturas do pensamento – estruturas cognitivas –, afirmando que:

(...) o pensamento do indivíduo é dirigido por estruturas das quais ele

---

<sup>1</sup> Alfred Binet nasceu em 8 de julho de 1857, em Nice. Embora tenha estudado Direito, não chegou a exercer a profissão. Apesar de ter se formado em Ciências Naturais em 1894, desde 1880 interessava-se pela Psicologia. Nessa área, voltou-se, inicialmente, para a experimentação com métodos de associação de ideias. Passou a trabalhar no laboratório de pesquisa de psicofisiologia da Sorbonne, onde, a partir de 1891, desenvolveu testes de avaliação da inteligência e habilidades do indivíduo. Faleceu em 1911.

ignora a existência e que determinam, não somente o que ele é capaz ou incapaz de “fazer” (logo a extensão e os limites de seu poder de resolver problemas), mas ainda o que é “obrigado” a fazer (logo as ligações lógicas necessárias que se impõem a seu pensamento) (PIAGET, 1975b, p. 355).

A estrutura cognitiva dependeria das conexões de ideias que podem ser utilizadas pela mente – um “mecanismo íntimo que dirige o pensamento” (PIAGET, 1975b, p. 355) – e não do conteúdo da consciência. Como exemplo, Piaget sustenta que os matemáticos obedeceram, em suas reflexões, sem que tivessem a menor consciência, às leis de certas estruturas, dentre as quais a que mais se destacou, pelo rigor, foi a da estrutura de “grupo”. Somente com Galois, no século XIX, é que essa tomada de consciência teria ocorrido<sup>2</sup>. Outro exemplo refere-se à

---

<sup>2</sup> Sobre a estrutura de grupo, Piaget afirma em *O estruturalismo* (1979, p. 12): “A mais antiga estrutura, conhecida e estudada como tal, foi a de “grupo” descoberta por Galois, e que lentamente conquistou as matemáticas do século XIX. Um grupo é um conjunto de elementos (por exemplo, os números inteiros, positivos e negativos) reunidos por uma operação de composição (por exemplo, a adição) tal que, aplicada aos elementos do conjunto, torna a dar um elemento do conjunto; existe um elemento neutro (no exemplo escolhido, o zero), tal que, composto com um outro, não o modifica (aqui  $n + 0 = 0 + n = n$ ) e, sobretudo, existe uma operação inversa (no caso particular, a subtração), tal que, composta com a operação direta, fornece o elemento neutro ( $+ n - n = - n + n = 0$ ); finalmente, as composições são associativas (aqui  $[n + m] + l = n + [m + l]$ ). Fundamento da álgebra, a estrutura de grupo revelou-se de uma generalidade e de uma fecundidade extraordinárias. Encontramo-la em quase todos os domínios das matemáticas e na lógica; adquiriu uma importância fundamental na física e é provável que o mesmo acontecerá um dia em relação à biologia. É importante, pois, procurar compreender as razões desse sucesso, porque, podendo ser considerado como

“estrutura de transitividade”, a qual só se formaria, segundo Piaget (1975b, p. 356), na criança entre 6 e 7 anos. A partir dessa idade, essa estrutura se aplicaria com sucesso em várias dimensões de problemas, envolvendo tanto ordem causal, como matemática ou lógica. No entanto, a criança não teria consciência de que construiu tal estrutura, desconhecendo o modo pelo qual ela foi formada e mesmo por que essa estrutura se tornou para ela necessária. Piaget alerta para o fato de que, embora tenha consciência dos resultados que obtém, a criança ignora o mecanismo que comanda a estrutura, que para ela continua inconsciente. Seriam esses mecanismos como estrutura que Piaget (1975b, p. 356) denomina inconsciente cognitivo.

### O recalque cognitivo

Reforçando sua investigação sobre possíveis aproximações de seu pensamento com o discurso freudiano, Piaget (1975b) volta o foco de sua atenção para as ações das crianças não submetidas apenas às estruturas subjacentes, mas como “conteúdos manifestos”<sup>3</sup> – aquilo que aparece na

---

um protótipo das “estruturas”, e em domínios onde tudo o que se afirma deve ser demonstrado, o grupo fornece as mais sólidas razões para confiar em um porvir do estruturalismo quando reveste formas precisas.”

<sup>3</sup> Segundo Laplanche e Pontalis (1967, p. 101), o conceito freudiano de conteúdo manifesto foi introduzido na *Interpretação de sonho*, em correspondência com a noção de conteúdo latente. Freud nos diz a esse respeito, na abertura do capítulo VI, ao tratar da elaboração onírica (1987, p. 284): “Todas as tentativas realizadas até hoje para solucionar os problemas oníricos se vinculavam diretamente ao conteúdo manifesto, esforçando-se por extrair dele a interpretação, ou nele fundamentar seu juízo, quando renunciavam a encontrar algum sentido interpretável, sobre o fenômeno [onírico].”

consciência. Cabe lembrar que o conteúdo manifesto se refere ao surgimento de conteúdos dos sonhos tais como aparecem ao sujeito que sonha, antes que se prestem à interpretação psicanalítica. Estende-se a qualquer produção verbalizada que é investigada e interpretada conforme o método analítico. Para Freud,

[...] se interpola, com efeito, entre o conteúdo onírico e os resultados de nossa observação, um novo material psíquico: o conteúdo latente ou as ideias latentes do sonho que nosso procedimento analítico nos leva a descobrir. Deste conteúdo latente, e não do manifesto, é que desenvolvemos a solução do sonho. Assim, ficávamos diante de um novo trabalho que não se colocava aos autores anteriores: o de investigar as relações do conteúdo manifesto com as ideias latentes e averiguar por qual processo [o que se manifesta no sonho] surgiu destas últimas (FREUD, 1987, p. 284).

Enquanto Freud analisa as dimensões manifesta e latente, visando a esclarecer a relação entre sonho e estrutura inconsciente, Piaget preocupa-se em verificar o que está oculto na psique a partir da consciência. É por essa tomada de consciência que Piaget busca aproximar a sua teoria da dimensão inconsciente, tal como formulada por Freud.

Considerando que na base do conceito de inconsciente freudiano encontra-se a noção de recalque afetivo<sup>4</sup>, Piaget passa

---

Somos os primeiros a partir de um ponto de vista diferente”.

<sup>4</sup> Segundo Freud, a teoria do recalque serve de base para todas as construções teóricas da psicanálise. Em seu artigo de 1915, “O recalque” (FREUD, 1991, p. 250), ele assinala a existência do recalque, dimensionando três grandes momentos. O primeiro incidiria sobre um “recalque

a estabelecer uma relação entre recalque afetivo e recalque cognitivo.

Na teoria freudiana, recalque afetivo, recalque ou recalque designam uma operação interna pela qual o psiquismo procura “repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p. 359). Já a pulsão é definida como um “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo” (ibidem, p. 359).

Segundo Piaget, “quando um sentimento ou um impulso parecem estar em contradição com sentimentos ou tendências de posição superior (emanando do superego, etc.), eles são então eliminados graças a duas espécies de processos: uma repressão consciente ou um recalque inconsciente” (1975b, p. 358). Por meio dessa afirmação, somos conduzidos a dois importantes conceitos freudianos: repressão e recalque.

Utilizando uma definição geral, podemos dizer que a repressão, para Freud, é uma operação psíquica consciente que tende a eliminar da consciência o que é desagradável; o recalque, por sua vez, gira em torno da fixação de conteúdos que se tornam

---

originário” que não atua sobre a pulsão, mas apenas nas representações psíquicas, vinculadas à pulsão, as quais passam a não ter acesso à consciência. O que fica recalado passa a funcionar no psiquismo como um primeiro núcleo inconsciente, funcionando como polo de atração e repulsa para outros elementos que serão recalados. O segundo momento corresponderia ao “recalque propriamente dito”, sendo uma “força posterior” que incide em ideias que estabeleceram conexões associativas com as representações inicialmente recaladas. O terceiro momento, finalmente, abrangeria o retorno do que foi recalado, sob a forma de sintomas, sonhos e todas as demais produções do inconsciente.

núcleos da estrutura inconsciente. A repressão exclui conteúdos da consciência para uma instância psíquica intermediária entre a consciência e a inconsciência, denominada por Freud de pré-consciência. O recalque, por sua vez, exclui conteúdos da pré-consciência para a inconsciência.

Apesar de Piaget explorar o conceito de repressão, esta visa unicamente ao entendimento do recalque, já que este não deixa de ser uma modalidade de repressão. Assim, Piaget privilegia a teoria do recalque, uma vez que ela se volta para o que há de mais oculto na psique, para o que não está condicionado à dinâmica consciente, para as trocas entre a consciência e o mundo externo.

Piaget apresenta várias ações que envolvem atividades lúdicas das crianças para concluir que a criança não pensa antes de agir. Diz ele: “A criança não pensou numa hipótese consciente para depois afastá-la, ela afastou, pelo contrário, a tomada de consciência do esquema, quer dizer que ela repeliu o esquema do campo da consciência antes que ele penetrasse sob uma forma conceitualizada” (PIAGET, 1975b, p. 358). Piaget chama de “esquema de uma ação” a estrutura geral dessa ação. Para ele, haveria um processo de conservação psíquica que se consolidaria pelo agir contínuo da criança, aplicando-se a situações que variam em função das modificações do meio (PIAGET, 1975c).

Um exemplo que ilustra essa abordagem consiste na situação em que uma criança consegue, sozinha ou por imitação, rolar horizontalmente para frente uma bola de pingue-pongue, de tal forma que, em seguida, consegue que a bola recue – o que é possível se a criança imprime com um ou dois dedos o movimento inverso de rotação à bola.

Segundo Piaget, a criança compreende, neste caso, que a bola deslocou-se para a frente e para trás por certa aprendizagem que envolve os sentidos físicos e a dimensão motora – um esquema geral de ação –, e não por conhecer teoricamente os dois movimentos, podendo neles pensar antes de agir.

Apesar dessa constatação, Piaget não deixa de indagar por que alguns esquemas permanecem conscientes e outros inconscientes. Ele encontra uma resposta ao pressupor incompatibilidades entre esquemas de ação e ideias preliminares anteriores a eles. Assim, no exemplo citado, fica claro que no agir da criança a ação presente gera a apreensão do sentido de rolar, e não o contrário, a ideia de rotação inversa sendo responsável pela ação. São os esquemas de ação, ou esquemas sensório-motores, que direcionam, segundo Piaget, o inconsciente cognitivo. Neste sentido, a teoria piagetiana diferencia o que o sujeito pode fazer daquilo que ele pensa, valorizando imagens sensoriais e não representações mentais.

Para encontrar uma resposta definitiva sobre o porquê de alguns esquemas permanecerem na inconsciência sem alcançarem a consciência, Piaget (1975b) recorre à relação psíquica entre passado e presente estabelecida por Erikson<sup>5</sup>, afirmando:

Erikson sustentou [...] uma tese muito interessante: o presente

<sup>5</sup> Erik Erikson (1902-1994) foi um psicanalista que contribuiu bastante para a investigação psicológica, ao estudar o desenvolvimento infantil e as crises de identidade. Durante sua carreira, deteve-se particularmente na influência que a cultura e a sociedade exercem no desenvolvimento infantil. Estudando grupos de crianças nativo-americanas, correlacionou a formação da personalidade com valores sociais e familiares.

afetivo é bem determinado, como mostrou Freud, pelo passado do indivíduo, mas o passado é ele mesmo incessantemente reestruturado pelo presente. Ora, isso é profundamente verdadeiro nos sistemas cognitivos e é porque a tomada de consciência é sempre em parte uma reorganização e não somente uma tradução ou uma evocação (p. 360).

A tese de Erikson incidiria, assim, em duas formas diferentes de abordagem do processo de memória. Na primeira, a memória estoca lembranças no inconsciente, bastando a sua evocação voluntária para que alcancem a consciência. Na segunda, a operação da memória inclui uma reorganização do que jaz no passado. Piaget parte dessa segunda concepção para ampliar o conceito freudiano de memória, reforçando sua formulação de que os esquemas sensório-motores do inconsciente são meios de reorganização psíquica.

### **Memória: relação afeto - cognição**

Piaget justifica a segunda abordagem eriksoniana de reconstituição, ou reorganização psíquica, do passado pelo presente, a partir de uma vivência pessoal. Parte de uma lembrança visual em que era raptado, ainda bebê, quando se encontrava no carrinho. Essa lembrança vem carregada de imagens precisas sobre o local onde o fato teria ocorrido: a luta entre a babá e o raptor, a chegada de pessoas e do policial, entre outras.

No entanto, aos 15 anos, Piaget é informado pela família de que a babá escrevera, alegando ter inventado todo o episódio. A história do rapto ele teria ouvido dos pais, por volta dos 5 ou 6 anos, e apoiado nela construiu uma lembrança visual que persistiu até a idade adulta. Tomando este exemplo, Piaget conclui que se trata de uma reconstituição, ainda que falsa, do

passado e que, se a circunstância tivesse sido real e a lembrança verdadeira, certamente, diz, “eu teria reconstruído [a história] da mesma maneira, porque não existe ainda memória de evocação (mas somente de reconhecimento) num bebê em seu carrinho” (PIAGET, 1975b, p. 360).

Além disso, Piaget (1975b) recorre a uma parte da investigação que realizou com Inhelder e Sinclair sobre o mecanismo da memória no desenvolvimento da criança, na qual relata que mostrou uma série ordenada de dez varetas de grandezas decrescentes para uma criança que se limita a olhá-las de forma desordenada. Após uma semana, ao indagar à criança o que viu, Piaget (1975b, p. 360) encontra alguns níveis de lembranças que assim descreve: “a) Alguns bastões iguais; b) pares grande-pequeno, grande-pequeno, etc.; c) trios grande-médio-pequeno, etc.; d) séries corretas, mas muito curtas; e e) a série inteira.” Após analisar os resultados, Piaget conclui que não ficou marcado na lembrança da criança qualquer dado que tivesse sido percebido de forma objetiva, exceto o que consta na letra e, e que, portanto, só teriam sido registradas psiquicamente as ideias que a criança fez do “dado”.

A análise dessas situações levou Piaget (1975b, p. 361) a sugerir prudência nas utilizações das lembranças infantis, pois, se a “memória é uma reconstrução mais ou menos adequada, é evidente que com a intervenção de processos afetivos de toda natureza, conflitos, etc., sua reconstituição será tanto mais complexa”. Assim, seria alcançado um patamar psíquico importante no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo: haveria, portanto, transformações afetivas que acompanham mudanças cognitivas no plano da memória.

Assim, Piaget (1975b) estabelece uma correlação entre afeto e cognição. Embora aceite que a afetividade contribua para a aceleração ou o atraso no desenvolvimento cognitivo, ele ressalta que não são as construções cognitivas que engendram as modificações afetivas, nem são estas últimas que determinam as primeiras. Neste sentido, ainda que os mecanismos afetivos e as estruturas cognitivas sejam indissociáveis, Piaget assinala que permanecem distintos, pois lidam respectivamente com energias e estruturas.

### Considerações finais

Na trajetória traçada neste artigo, vimos que a gênese da cognição em Piaget resulta da interação entre sujeito e objeto ou, segundo os termos piagetianos, de uma “elaboração solidária”. Em torno dessa elaboração, Piaget não reduz a cognição a processos condicionados à dimensão da consciência, formulando, por outro lado, as bases para se pensar uma cognição inconsciente. Para elucidar a dimensão inconsciente da cognição, Piaget vai ao encontro da teoria freudiana, realçando a ideia de que o pensamento seria uma atividade psíquica inconsciente.

Partindo dessa assertiva, Piaget enfatiza a concepção de que o pensamento é dirigido por estruturas cognitivas cuja existência o homem ignora, embora direcionem o agir humano. Além disso, tais estruturas dependeriam das conexões de ideias ou dos mecanismos que podem ser utilizados pela mente e não são conscientes.

Tomando por base essa última elaboração, Piaget se aproxima de Freud, já que na teoria freudiana existiria uma dimensão que está além da consciência. No entanto, enquanto para Freud o inconsciente seria estruturado segundo mudanças afetivas, entre as quais o recalque, para Piaget haveria uma cognição inconsciente, que não provém unicamente das transformações afetivas. Com essas formulações, Piaget nos brinda com uma contribuição inédita para a teoria do desenvolvimento infantil.

### Referências

- FREUD, S. Die Traumdeutung. In: \_\_\_\_\_. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1987.
- \_\_\_\_\_. Die Verdrängung. In: \_\_\_\_\_. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1991.
- FURTH, H. G. **Piaget e o conhecimento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.-B. **Vocabulaire de la psychanalyse**. Paris: PUF, 1967.
- PIAGET, J. **A epistemologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1975a.
- \_\_\_\_\_. Inconsciente afetivo e inconsciente cognitivo. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de psicologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1975b.
- \_\_\_\_\_. A práxis na criança. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de psicologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1975c.
- \_\_\_\_\_. **O estruturalismo**. São Paulo: Difel, 1979. Disponível em: <http://materiaapoioaotcc.pbworks.com/f/jean+piaget+-+O+estruturalismo.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2013.

Recebido em 2013-12-20  
Publicado em 2014-06-13